



Artur Condé

Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

Terminados os exames finais do internato desta primeira época, quinze novos médicos obtiveram o seu título de especialista em Otorrinolaringologia iniciando assim uma nova fase da sua carreira profissional.

As minhas primeiras palavras são-lhes dirigidas, saudando-os pela conclusão da sua formação específica, com a qualidade que os seus currícula e as suas provas demonstraram. É por todos reconhecida a qualidade da nossa formação e a competência, empenho e dedicação dos nossos médicos internos, que apesar terem como quase certa a sua aprovação no exame final, nunca deixam de trabalhar arduamente na preparação da sua prova. Este é um sinal muito expressivo do seu querer e da firme vontade em se enriquecerem profissionalmente.

Somos talvez a única classe que se obriga a este duro percurso formativo. Essa atitude em prol da qualidade, reflete-se naturalmente na crescente qualificação dos seus profissionais que é constatada por todos nós, e reconhecida internacionalmente pelos nossos pares doutros países. Hoje, os médicos especialistas Portugueses, deixaram unicamente de assistir passivamente a reuniões científicas internacionais, e passaram a participar nelas, integrados como palestrantes ou membros das comissões científicas desses congressos.

Também não podemos esquecer, o esforço dos nossos Serviços formadores na preparação destes novos especialistas, que mesmo limitados pelo actual desinvestimento hospitalar, conseguem ultrapassar esses constrangimentos, com o empenho e dedicação dos seus médicos especialistas, que muitas vezes, à custa

de sacrifício pessoal e profissional, cumprem um dos mais nobres deveres da nossa classe - Ensinar. E é este ensino, que nos torna diferentes, pois não temos nem reivindicamos qualquer estatuto especial por esse facto, simplesmente ensinamos, para que outros possam ser melhores e mais competentes.

No turbilhão diário da produção clínica que nos é exigida, temos ainda tempo para acompanharmos os mais novos orientando e transmitindo o nosso conhecimento, sem que esse trabalho, que muito nos orgulha, nos seja devidamente reconhecido.

Esta reflexão, vem a propósito do momento em que como no início referi, quinze médicos concluíram a sua formação em Otorrinolaringologia. Aqui chegados, após tantos anos de esforço individual e investimento na sua formação, é imperioso que todo este esforço seja aproveitado a bem dos próprios que para isso trabalharam, e do nosso sistema de saúde que lhes proporcionou essa formação. Mas na realidade, o que se tem passado não é uma coisa nem outra. Nem o SNS colhe os proveitos devidos da formação dos novos especialistas, nem os próprios sentem a esperança num futuro melhor que catalizaria as suas carreiras profissionais.

Todos conhecemos as carências assistenciais que existem na nossa rede hospitalar, e que vão certamente continuar a existir, pois em muitas regiões deste país, a falta de profissionais é endémica, sem que se vislumbre uma aparente solução para colmatar este facto. O Estado, que deveria encontrar soluções para obviar este mal social, mantém-se olímpicamente indiferente a esta realidade,

onde a desigualdade e a assimetria assistencial à nossa população, continua a ser gritante, contrariando o sacro princípio democrático, de que todos devem ter os mesmos direitos, tantas e tantas vezes arengado pela nossa classe política.

Perguntar-se-á então, o que fazer? Como ultrapassar este impasse?

Para resolver um problema, há que primeiro reconhecer genuinamente esse mesmo problema, e dedicar o melhor dos esforços para o resolver. Só que essa vontade política da governação não se vê, e tudo vai assim, continuando na mesma.

Não é necessário com certeza uma imaginação prodigiosa para encontrar soluções, o que é necessário, é dispor-se a fazê-lo, ouvindo as pessoas. Claro que é necessário criar uma política séria de incentivos aos profissionais, olhar para os Hospitais com vontade de melhorar as suas condições de trabalho, dotando-os de meios capazes de promover uma assistência digna as suas populações, permitindo aos seus médicos a diferenciação e a evolução técnico científica, que sem esse investimento na qualidade, está e estará sempre cerceada e limitada ao trabalho básico de uma rotina a que a todos cristalizará, e da qual todos querem fugir. É pois urgente, que a governação reconheça politicamente que sem uma estratégia de investimento na saúde nacional, equitativa e coerente, as assimetrias continuarão a existir, e os médicos a sobrar acotovelando-se nos grandes centros.

Essa vontade política que o Estado parece não ter, está a tê-la o sector privado da saúde, que por todo o lado vai abrindo mais e mais unidades, contratando esses médicos que o Estado formou, e que agora descarta com o prejuízo que se adivinha. Esta atitude do poder público, não reflete certamente uma intensão genuína de promover o SNS para todos, com a qualidade que a nossa população exige, e os médicos reclamam.

Veremos o que o futuro nos reserva...

Artur Condé